

O SABER NÃO OCUPA LUGAR: LEITURAS PARA UM LEITOR

Luciane Moreira de Oliveira - lucianeoliveira@puc-campinas.edu.br

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação

Orientadora Prof^a Dr. Lilian Lopes Martin da Silva

Grupo de Pesquisa ALLE - Alfabetização, leitura e escrita

Faculdade de Educação/Unicamp

Resumo: Apresentação da pesquisa sobre a constituição de práticas de leituras e os leitores presentes na *Revista Ilustrada*, periódico semanal editado por Ângelo Agostini no Rio de Janeiro de 1876 até 1898, composto de quatro páginas impressas em tipografia com textos e outras quatro páginas impressas em litografia contendo ilustrações, charges e caricaturas. Tal periódico irá produzir e colocar em circulação um conjunto de textos e imagens que difundem mensagens ligadas a um projeto de modernidade que no Brasil do século XIX propõe determinadas práticas de leitura. O objetivo da comunicação é discutir a crônica *O saber não ocupa lugar*, publicada no primeiro ano de circulação da *Revista* (nº 20, 17 de maio de 1879), e os modos como o texto e o impresso que lhe serve de suporte organizam a leitura a ser feita, a leitura autorizada. Tal crônica é sobre as orientações de leitura que o “... dono de uma casa de vender cigarros, fósforos, piteiras, charutos e bilhetes garantidos...” dá ao seu caixeiro “... um menino chegado há pouco de Portugal”. As análises apresentadas buscam apoio em Chartier (1990) e Certeau (1994) que consideram a leitura como prática criadora e produtora de sentidos singulares, apesar do leitor ser pensado pelo autor como comentador e pelo editor como aquele de deve ficar sujeito a uma leitura autorizada, a um sentido único.

Palavras-Chaves: imprensa ilustrada, história da leitura, leitor, leitura, literatura

Introdução

Nos diversos discursos sobre a leitura estão presentes algumas idéias acompanham as prescrições sobre a prática da leitura como o ler para aprender, o ler sempre, o ler para ter uma ascensão social, o que está escrito é verdade... São idéias herdadas do século das Luzes, em que o texto irá ser o lugar da memória social e que a difusão dos produtos (texto e livro) irá ter o poder de remodelar toda a sociedade. Certeau (1994, p.261-264) propõe a discussão do postulado da passividade do consumo produzido pela ideologia do consumo-receptáculo e afirma que se deve por em causa o fato de associar a leitura a uma passividade, pois mesmo

sendo a leitura uma peregrinação por um sistema imposto (o do texto), esse sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido.

A pesquisa de doutorado, na qual essa comunicação tem sua origem, é sobre a constituição de práticas de leituras e os leitores presentes na *Revista Illustrada*, periódico semanal editado por Ângelo Agostini no Rio de Janeiro de 1876 até 1898. Tal periódico irá produzir e colocar em circulação um conjunto de textos e imagens que difundem mensagens ligadas a um projeto de modernidade que no Brasil do século XIX propõe determinadas práticas de leitura.

O projeto de pesquisa busca apoio teórico nas análises de Chartier (1990, p. 123-127) que considera a leitura como prática criadora e produtora de sentidos singulares, apesar do leitor ser pensado pelo autor como comentador e pelo editor como aquele de deve ficar sujeito a uma leitura autorizada, a um sentido único. O autor destaca que uma das questões de investigação no campo da leitura e mais precisamente no campo da história da leitura é reconhecer as estratégias através das quais os editores e os autores tentam impor uma ortodoxia do texto. Para Chartier a reconstituição de tais estratégias exige considerar as relações estabelecidas entre três pólos, que são o pólo da produção do texto, o pólo do objeto que lhe serve de suporte e o pólo das práticas que dele se apodera, compostas pela leitura e o leitor.

Logo uma das perspectivas da pesquisa é buscar os modos como os textos e o impresso que lhes servem de suporte, no caso a *Revista Illustrada*, organizavam a leitura a ser feita – a leitura autorizada – a partir do delineamento e análise das estratégias textuais e editoriais presentes no periódico. Outra perspectiva é a de investir em uma aproximação das práticas efetivas de leitura e dos leitores que esse periódico apresenta e dos diferentes sentidos produzidos por esses leitores, sentidos esses que estão articulados com as suas formas de ler, com os espaços reservados para a leitura, enfim com os processos através dos quais os textos e imagens irão adquirir sentidos.

O impresso e seu editor

A *Revista Illustrada* era composta de quatro páginas impressas em tipografia com textos e outras quatro páginas impressas em litografia contendo ilustrações, charges e caricaturas. Segundo Ribeiro (1988, p.213) a *Revista* no período em que define como primeira fase (1876-1888) é um periódico independente, uma vez que não aceita anúncios publicitários e irá manter-se exclusivamente através das suas vendas e dos serviços de litografia prestados

para outras publicações, porém na segunda fase de circulação (1889-1898) a sua edição será marcada pelo apoio à República e o recebimento de anúncios publicitários.

Na primeira capa da *Revista*, edição de 1º de janeiro de 1876, há o desenho de um panfleto de propaganda carregado pelas figuras alegóricas dos mariolas, personagens que são



Revista Illustrada, Rio de Janeiro, nº 1, 1º de janeiro de 1876. capa

apresentados por Ângelo Agostini na mesma edição, como os seus repórteres. O panfleto está caindo em cima de multidão apinhada entre algumas construções da Corte, como o prédio do Parlamento e do *Theatro*. No panfleto está o nome da revista e de seu editor, a informação de que ela sairá todos os sábados, os endereços para as assinaturas e para as correspondências e reclamações, as tabelas com os preços das assinaturas anuais e semestrais na Corte e nas Províncias e o preço do número avulso.

Outros elementos da capa são destacados por Ribeiro (1988, p. 216) como, por exemplo, a “garrafa do espírito” – significando a idéia, o humor e a boêmia –, na qual estão atados uma pena de escrever, um lápis litográfico, uma palmatória e uma

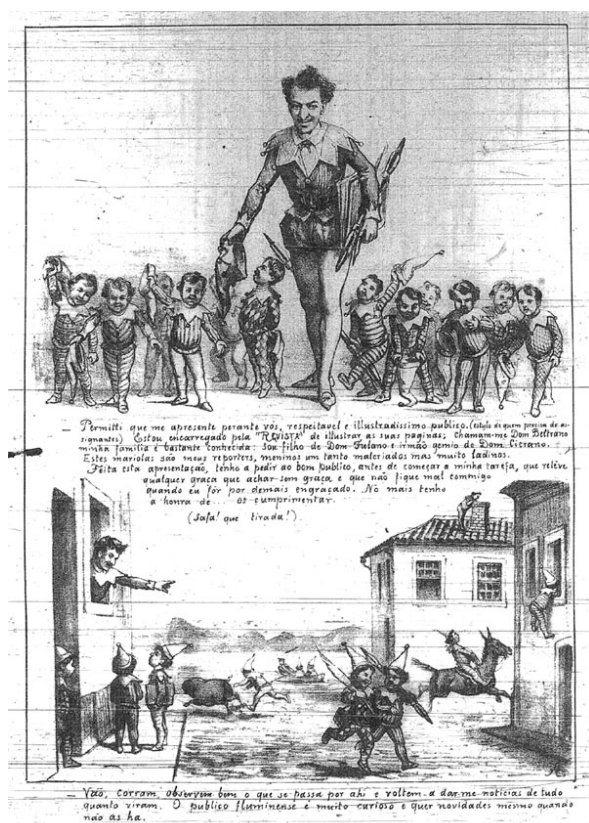
faixa com a citação em latim *Ridendo castigat mores* (o riso castiga os costumes). Entre a população estão representados os que demonstram incômodos com a chegada da *Revista*, entre eles encontramos Duque de Caxias que ameaça desembainhar sua espada. Na época Caxias ocupava o cargo de chefe do Conselho de Ministros desde o gabinete conservador de 1875.

O desenho da primeira capa possui como legenda “Apparece a Revista Illustrada, é mais um, não importa o campo é vasto...”. Desenho e legenda formam uma capa que informa ter a *Revista Illustrada* uma proposta de trabalho bem configurada e que sua edição não é feita de forma amadora, mas por alguém que possuiu uma experiência e conhece o que hoje denominamos de mercado editorial. Ela divulga a imagem que o editor Agostini oferece de si

mesmo não só para seu futuro público leitor, mas prioritariamente para os seus “concorrentes” que são os outros editores da Corte.

Angelo Agostini pode ser apresentado como caricaturista, pintor, jornalista, crítico de arte, militante político... Enfim, será um editor que irá exercer uma grande influência na imprensa ilustrada da época. Segundo Sodré (1999, p.219-20) nascido na Itália (Vercelli, 1843) ele chega ao Brasil em 1859 e sua carreira começa em São Paulo onde funda junto com Luís Gama, o semanário *O Diabo Coxo* (1864-1865) e que será substituído pelo *O Cabrião* (1866-1867), fundado junto com Américo de Campo. Após a falência do *O Cabrião* devido às perseguições políticas, Agostini muda-se em 1868 para o Rio de Janeiro, onde irá fundar *O Mequetrefe* (1875), a *Revista Illustrada* (1876), *Dom Quixote* (1895) e *A Vida Fluminense*, além de atuar como colaborador em outros periódicos, como *O Arlequim*, *O Tico-Tico* e *O Malho*.

Agostini foi o principal chargista da Monarquia, não tanto pelas virtudes de seu traço, acadêmico e preso aos rigores da anatomia humana, mas, sobretudo porque, intervindo nos conflitos que monopolizaram a sociedade de seu tempo, dotou a charge de uma vocação política permanente. Suas charges confirmam, como nenhuma outra nesse período, que sua função não é, prioritariamente, fazer rir, mas produzir reflexão. (TEIXEIRA, 2001, p.13)



Revista Illustrada, Rio de Janeiro, nº 1, 1º de janeiro de 1876. p.4

O editor caricatura a si próprio apresentando-se aos seus leitores como *Dom Beltrano*, o ilustrador das páginas da *Revista* e que estará sempre acompanhado dos seus repórteres, os “mariolas”, definidos por ele como meninos um tanto malcriados, mas muito “ladinos”. É para esses “repórteres mariolas” que Dom Beltrano ordena:

“— Vão, corram, observem bem o que se passa por ahi e voltem a dar-me notícias de tudo quanto viram. O público fluminense é muito curioso e quer novidades mesmo quando não as há.” (REVISTA ILLUSTRADA, n.1, p.4)

A *Revista Illustrada* terá suas páginas ilustradas com caricaturas e charges de Agostini, que são desenhos contundentes contra o clero e os notáveis da Corte que compõem verdadeiras crônicas visuais dos

costumes e polêmicas da época. Nas duas páginas centrais da *Revista* encontramos uma “crônica visual” dos acontecimentos da semana no formato de desenhos em seqüências que fazem lembrar as modernas histórias em quadrinhos.

Ribeiro (1988) divide a redação da *Revista* em dois setores: a Redação Ilustrada, responsável pela ilustração, e a Redação Literária, responsável pelo texto. Na Redação Ilustrada o principal redator será Ângelo Agostini até 1888, quando é substituído por Pereira Neto.¹ Agostini atua também na Redação Literária, usando os pseudônimos X. quando escreve sobre teatro e belas-artes e A.A. quando o assunto está relacionado a ele, porém a Redação Literária possuía um corpo de redatores de além de mais amplo e diversificado será mais permanente do que o corpo de redatores da Redação Ilustrada.²

É possível verificar uma pluralidade de seções ao longo da existência da *Revista* e o texto que pode ser indicar como sendo o Editorial, uma vez que esse título não aparece na *Revista*, era redigido em forma de carta.

Esta seção mantendo todas as características do editorial de um jornal apresentava-se, contudo, na maioria das vezes, assinada. O autor dos artigos ali impressos era, comumente, o redator principal da folha. José Ribeiro Dantas Júnior escreveu muitos editoriais, até ser substituído por Luís de Andrade, a partir de 1885, devendo-se mencionar, também, Artur de Miranda, que, com a ausência de Luís Andrade da folha desde 1890, é responsável por várias matérias até o ano de 1894, com o retorno do outro redator. (RIBEIRO, 1988, p. 208)

A seção *Livro da Porta*, localizada também na página 2 antes do Editorial, será a única seção presente na *Revista* durante todos os 23 anos de sua edição.

Tratava-se de um pequeno espaço no canto superior esquerdo da página contendo, sob a forma de tópicos, a resposta a algumas correspondências encaminhadas à folha. Era uma seção bastante reduzida, que não opinava nem elaborava qualquer tipo de comentário. Não tinha, no conjunto de trabalhos publicados pela “Revista”, maior importância, ficando sua tarefa restrita às respostas de correspondências e aos agradecimentos de publicações encaminhadas àquela redação. Esta seção não era assinada. (RIBEIRO, 1988, p. 208-209)

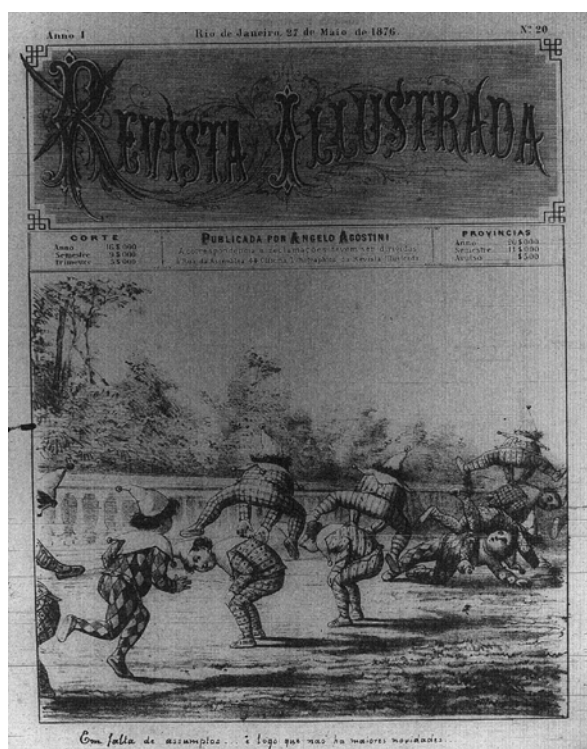
¹ Entre outros artistas que publicaram seus desenhos na *Revista* estão Eduardo Martino, Augusto Off, George Manders, Antônio Parreiras, Antonio Bernardes Pereira Neto, Bento Barbosa e Hilarão Teixeira.

² É um corpo de redatores composto por Luís de Andrade, pseudônimo *Júlio Verim*, que assina artigos na *Revista* desde 10 de janeiro de 1885. A partir de 1890 o principal redator será Artur de Miranda Ribeiro, que utiliza o pseudônimo de Farfarelo, e substitui Luís de Andrade que sai para concorrer nas eleições para a Assembléia Constituinte e se elege deputado por Pernambuco. O redator responsável pela resenha teatral da semana é José Ribeiro Dantas Junior, pseudônimo *Júnio* e *A. Gil*, um dos fundadores do *Mefistófeles* que vai para a *Revista* logo no seu primeiro ano, após ser demitido do *Cruzeiro*, jornal conservador, antiaboliconista e de proprietários portugueses. Temos também o médico Brício Filho que entra na *Revista* em 1885 e ainda em 1888 um artigo de Luís de Andrade o relaciona entre os seus redatores.

Apesar de o autor indicar uma pouca importância para a seção *Livro da Porta* será através da sua leitura perceber um conjunto de relações que a *Revista* estabelece com os seus leitores e possíveis colaboradores. É o que ocorre, por exemplo, com a publicação das duas linhas de agradecimento ao autor da crônica “O saber não ocupa lugar”: Ao Sr. F.S. – Se o *saber ocupa lugar*, o seu ocupará sem muito distinto em nossas columnas.³

A crônica e seu autor

A crônica *O saber não ocupa lugar* foi publicada no primeiro ano de circulação da *Revista* no nº 20, de 17 de maio de 1876, cuja capa é ilustrada com a imagem dos “mariolas”



Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, nº 20, 17 de 1876.
capa

brincando e a legenda: *Em falta de assumptos... e logo que não há maiores novidades.*

A edição do nº 20 possui na página 2 as seções *Livro da Porta*, o editorial assinado por D. Beltrano e a *Resenha Theatral* assinada por L. Odoro que continua na página 3, junto com *Fhisica para rir* (continuação) que termina na página 6 e é assinada por *Mauricia*. Nas páginas centrais ilustradas e litografadas, o assunto é sobre a fundação da Sociedade Cooperativa de Consumo com o objetivo de vender alimentos para as pessoas menos favorecidas. A *Revista* faz uma crítica ilustrada sobre a fundação da *Sociedade* que garante 12% de lucro para seus acionistas, alerta sobre a qualidade duvidosa dos seus produtos alimentícios e os possíveis efeitos que a *Sociedade* irá causar na atividade comercial local. A crítica ilustrada continua na última página da *Revista*.

Na página 6, após o final de *Fhisica para rir*, há um texto romântico *Fugindo* assinado por J.A. e a crônica *O saber não ocupa lugar* que continua e tomará toda a página 7. Até o momento não foi possível identificar a autoria da crônica *O saber não ocupa lugar*,

³ Revista Ilustrada, nº 20, de 17 de maio de 1876, p.2.

assinada apenas com as iniciais F. S. e o agradecimento ao seu autor na coluna *Livro da Porta* sugere ser um texto de autoria um leitor. Sugere ser um texto que recebido pela *Revista*, será publicado em uma edição em que a capa anuncia haver falta de assuntos.



Revista Illustrada, nº 20, de 17 de maio de 1876. p.6-7

O autor F.S. será um narrador onisciente, aquele sabe tudo e irá conduzir a história através dos personagens Manoel do Couto o “... dono de uma casa de vender cigarros, fósforos, piteiras, charutos e bilhetes garantidos...” e o caixeiro “... um menino chegado há pouco de Portugal”. A “casa de vender”, o local de trabalho, é o cenário da história em que Manoel do Couto orienta a leitura de seu primeiro caixeiro.

Os leitores, os livros e suas leituras

– Menino, o saber não ocupa lugar. Quando não tiver que fazer, isto é, as vidraças para lavar, o armazém para varrer, o pó para sacudir e os fregueses para aviar, leia qualquer livro e sempre terá que aprender. Leia muito, leia tudo, porque tudo o que existe em letra redonda é a pura verdade; do contrário o governo não consentiria que se imprimisse. ⁴

Assim Manoel do Couto inicia as suas orientações de leitura para o jovem caixeiro. Primeiro deixa claro que o espaço da leitura é sempre aquele que sombra depois de terem sido

⁴ Os trechos da crônica que são citados tiveram a ortografia atualizada, porém foram mantidas as expressões grafadas em itálico no texto original.

realizadas todas as tarefas, ele tenta garantir que o jovem caixeiro entenda que o espaço/tempo da leitura é aquele que não irá ocupar o lugar das tarefas do trabalho. Depois afirma que se deve ler muito e que em qualquer livro terá muito que aprender. Para Manoel do Couto qualquer livro significa apenas aqueles que o governo consentiu a impressão e que por isso continham a verdade. Então quais são os textos que o jovem caixeiro tinha disponíveis para a sua leitura?

Os textos que Manoel do Couto indica para o seu caixeiro ler estão no acervo de sua “livraria”, acervo que é composto por obras acondicionadas em três caixotes de sabão. No último quartel do século XIX, período em que a crônica é publicada, o personagem Manoel do Couto não faz referência a *sua* biblioteca e sim a *sua* livraria, talvez por ser a livraria um espaço comercial acaba sendo um espaço bem mais familiar para um dono de uma *casa de vender...* Talvez por já ser um tempo histórico em que não é mais possível a biblioteca particular reproduzida no quadro de Chardin, *Le Philosophe lisant* de 1734, analisado por Steiner (2001, p.24) que conclui ser remota a existência de uma biblioteca que implica na arquitetura e organização de um ambiente de erudição, um local com paredes cobertas de estantes e onde se pratica a arte da leitura de livros encadernados especialmente para si. As obras indicadas na crônica *O saber não ocupa lugar* são brochuras, são livros fisicamente efêmero, para os quais

Não se monta uma biblioteca acumulando edições em brochura. Por sua própria natureza, essas edições de baixo custo voltadas para a massa fazem uma seleção prévia do que pode interessar a esse público e, no mais das vezes, oferece uma antologia da obra literária e das correntes de pensamento, ao invés de buscar sua totalidade. (STEINER, 2001, p.25)

Deste modo as brochuras que Manoel do Couto possui e indica são obras de grande circulação e com um grande tempo de edição.

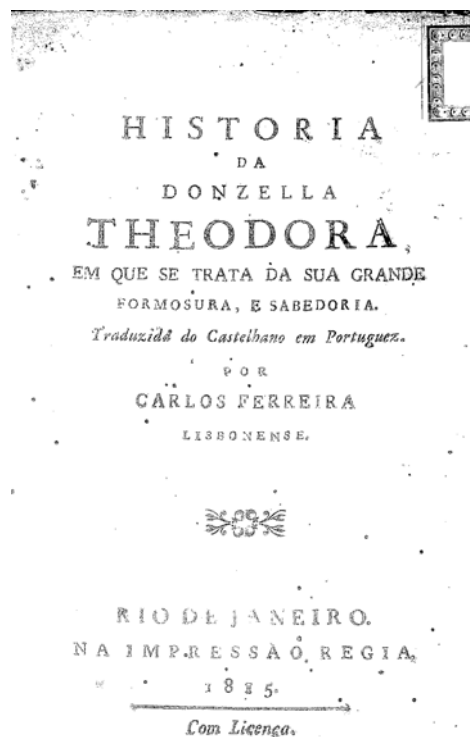
Na minha livraria achará: A história da princesa Mangalona, a dos Tres corcovados de Salamanca, a do Infante D. Henrique que correu as sete partida do mundo, a da Donzela Theodora; e sobre tudo leia a Bíblia, que é o romance mais moral que um menino pode ler.

A História verdadeira da princeza Magalona e A História Donzela Theodora são obras com grande aceitação pelo público e editadas durante um longo período de tempo, conforme atestam as pesquisas realizadas por Abreu (1999).⁵

⁵ As imagens e informações técnicas sobre as obras estão disponíveis no site Caminhos do Romance, <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>, acesso em 20 de julho de 2008.

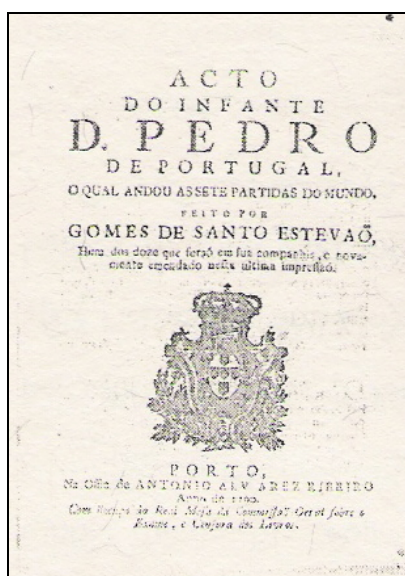


*Historia verdadeira da princeza
Magalona, filha de El Rei de Napoles, e
do nobre, e valoroso cavalleiro Pierres,
Pedro de Provença...*
Lisboa, 1794.



Historia da donzella Theodora
Tradutor: Carlos F. Lisbonense
Rio de Janeiro, 1815

Há outras obras cujos títulos citados por Manoel do Couto estão confusos, sendo possível fazer aproximações com outras obras do período, como o título indicado sobre a história do “... *Infante D. Henrique que correu as sete partidas do mundo*” que pode ter tido inspiração em outra obra: *Ato do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo*.

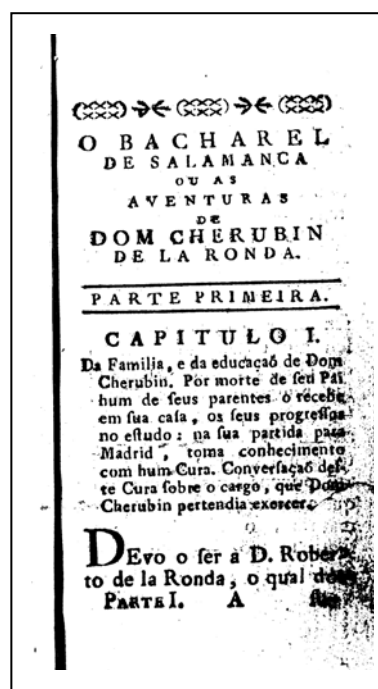


*Acto do infante D. Pedro de Portugal, o qual
andou as sete partidas do mundo*
Autor: Gomes de Santo Estevão
Porto, 1790

E o título e a história dos *Três corcovados de Salamanca* seja a união da *Historia jocosa dos três corcovados de Setubal* e do *O bacharel de Salamanca*.



Historia jocosa do tres corcovados de Setubal. Lucrecio, Flavio e Juliano
Lisboa, 1789



O bacharel de Salamanca
Tradutor: Carlos José da Cunha
Lisboa, 1802

A “confusão” com os títulos e autores revela ser Manoel do Couto um leitor não atento a esses detalhes quando faz as suas indicações de leitura. Além disso será a Bíblia a leitura mais indicada por Manoel do Couto, considerada por ele como “... o romance mais moral que um menino pode ler”.

A principal preocupação de Manoel do Couto após a indicação dos títulos disponíveis para leitura e de destacar dessas histórias algumas personagens, é a de reafirmar que “o saber não ocupa lugar” e que o jovem caixeiro deve perguntar para ele o que não entender, destaca que ele está ali para explicar, uma vez que para isso “... muito tenho queimado as pestanas”. Para terminar de convencer o seu futuro leitor sobre a importância da leitura e delimitar o tipo de leitura a ser feita, alerta que

Um homem deve *alustrar-se* nas boas obras; você deve deixar-se de futilidades de andar querendo adivinhar as charadas da *Gazeta de Notícias*; aquilo por ora não é para seus beiços, visto que eu que sou muito mais *inlustrado* ainda não lhes pude meter o dente; se você tomar a leitura ao sério pode ainda algum dia chegar a ser alguma coisa: como *cínico* de qualquer ordem ou confraria, diretor de algum banco, incorporador de companhias úteis, e até orador da maçonaria.

Além do alerta de que a leitura deverá ser das “boas obras”, há a recomendação de que o jovem caixeiro deixe “... de futilidades de andar querer adivinhar as charadas da *Gazeta de Notícias*⁶”, afirma que a leitura do jornal não é para iniciantes uma vez que nem ele, muito mais ilustrado, ainda não pode fazê-la. Observa que se o jovem caixeiro tomar a leitura de forma séria ele poderá algum dia chegar a ser alguma coisa, por exemplo: membro de qualquer ordem e confraria, diretor de banco, incorporador de companhias e até orador da maçonaria. Destaca que conhece alguns indivíduos que tendo desenvolvido em tenra idade a inclinação para barbeiros, ferradores ou cocheiros de bonde vieram depois a ser clérigos de ordens sacras.

O jovem caixeiro logo após ter recebido as orientações de leitura do seu padrão expressa assim a sua convicção sobre a importância do saber:

– Deve ser mesmo, dizia ele, muito bom a gente ler! Assim como meu amo, quanto coisa ele sabe! Vejam só, desta pequena conversa já quanto coisa fiquei sabendo que *inguenorava*! Quem me havia de dizer que o rei Farol correu as oito partes do mundo com a princesa *Magralhona*; que Salomão quebrou com a funda a cabeça dos três corcovados de Salamanca e que o Vasco da Gama foi quem fez a igreja da Cocota e a loja da Lampadoza.

As indicações de leitura do padrão ganham outros significados na voz do jovem caixeiro, assim como ocorreu uma construção de significados na passagem entre o texto escrito e as indicações do Manoel do Couto que amalgamou os títulos, os personagens e seus feitos. Também há nos textos orais sobre a leitura dos dois personagens a incorporação de elementos da cultura externa ao texto, como por exemplo, a Rua do Ouvidor, a loja da Cocota, a igreja da Lampadoza e o jornal a *Gazeta de Notícias*.

O jovem caixeiro convencido decide que “... quando não tiver o pó dos fregueses para sacudir, nem que aviar as vidraças do armazém hei de ler”. Além dos textos já citados, nosso leitor encontrou na coleção que tão generosamente lhe foi franqueada pelo seu padrão, as histórias de *Carlos Magno* e *Astucias de Bertholdo* que iguais as outras obras terão inúmeras edições e manterão como eixo narrativo central a luta entre o Bem e o Mal.⁷

⁶ Periódico publicado no Rio de Janeiro, de agosto de 1875 até 1942, fundado por Manuel Carneiro, Ferreira de Araújo e Elísio Mendes. Considerado inovador em seu tempo, abriu espaço para a literatura, com a publicação de folhetins, e o debate dos grandes temas nacionais. Antimonarquista e abolicionista, foi em suas páginas que José do Patrocínio (sob o pseudônimo de *Prudhome*) iniciou a sua campanha pela Abolição (1879). Também escreveram em suas páginas Machado de Assis, Capistrano de Abreu, e os portugueses Eça de Queiróz e Ramalho Ortigão.

⁷ Sobre a história da edição dessas obras ver Abreu, 1999.

Por fim, o jovem caixeiro irá ler a Bíblia e será com essa a leitura que terá mais problemas: a leitura da Bíblia irá operar uma revolução no seu espírito. É o momento final da crônica e o narrador aparece para registrar os efeitos da leitura no jovem caixeiro:

Só pensava no pai Adão.

“ – Barbudo, de pés sujos, unhas de gavião, cabelos desganhados, secos e hirsutos... devia ser muito feio!

[...]

O rapaz perdeu o apetite, não pode dormir e passou a noite em grande agitação. Nem o elixir de Kanangá nem o pronto alívio lhe produziram o menor resultado.

“ – Hei de perguntar a meu amo; ele que leu a Bíblia e outras tantas coisas deve saber.”

As autoras Lajolo e Zilberman (1996, p.14 e segs.) ao perguntarem quem é esse leitor afirmam que sua identidade é escorregadia, propõem então narrar a história da “construção do leitor” que começa com a expansão da imprensa, a alfabetização em massa das populações urbanas, a valorização da família e da privacidade doméstica e a emergência da idéia de lazer. Para as autoras ser leitor é uma função social, que canaliza ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas. Uma função que no Brasil só poderá ser desempenhada por volta de 1840, mais especificamente no Rio de Janeiro que sendo sede da Monarquia possui alguns mecanismos mínimos para a formação e fortalecimento da produção e circulação da literatura, como as tipografias, livrarias e bibliotecas.

Porém o nosso leitor, o jovem caixeiro, após as suas leituras e as explicações de seu amo e patrão finalmente irá entender qual o lugar que o saber ocupa

O moço abaixou a cabeça abismado com a sabedoria do seu amo e corrido da própria ignorância.

“ – Qual! disse ele desanimado, eu nunca hei de ser nada. Vejam quanto sabe meu amo só porque leu! Bem diz ele que *o saber não ocupa lugar*.”

F.S.

Na crônica *O saber não ocupa lugar* estão presentes os mitos do letramento que estão sendo engendrados no Brasil do século XIX junto com um discurso que estabelece uma ordem das coisas – dos textos impressos em livros, folhetos e jornais - e uma ordem dos saberes e as suas relações possíveis e desejáveis.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. (t. 1: Artes de fazer). 11ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo : Editora Ática, 1996.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 1, 1º de janeiro de 1876.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 20, 27 de maio de 1876.

RIBEIRO, Marcus Tadeu Daniel. *Revista Illustrada (1876-1898): síntese de uma época*, 1988. .369f. :il. Orientador: Mario Barata Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de História.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STEINER, George. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. *Cadernos Avulsos*, Fundação Casa Rui Barbosa, nº 38, 2001.